

Ateliê pedagógico: tecendo caminhos para Educação em Saúde

Pedagogical Workshop: Weaving Paths for Health Education

Recebido: 16/12/2025 | **Revisado:**
19/03/2026 | **Aceito:** 20/03/2026 |
Publicado: 13/07/2026

Lannuzya Veríssimo e Oliveira
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7041-4792>
Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Email: lannuzya.oliveira@ufrn.br

Rayssa Horácio Lopes
ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7041-4792>
Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Email: rayssa.lopes@ufrn.br

Maria Lúcia Azevedo Ferreira de Macedo
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4923-4441>
Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Email: maria.lucia.1@ufrn.br

Márcia Andréia Pereira da Silva
ORCID: <http://orcid.org/0009-0004-7502-5373>
Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Email: marcia.andreia.nutri@gmail.com

Como citar: OLIVEIRA, L. V.; LOPES, R. H.; MACEDO, M. L. A. F.; SILVA, M. A. P. Ateliê pedagógico: tecendo caminhos para Educação em Saúde. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 01, n. 26, p.1-15 e19308, jul. 2026. ISSN 2447-1801. Disponível em: <Endereço eletrônico>.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 Unported License.

Resumo

Objetiva-se relatar uma experiência de educação em saúde vivenciada durante um evento de extensão desenvolvido por discentes do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde, da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulada "Ateliê pedagógico: tecendo caminhos para educação em saúde". Organizado a partir do módulo teórico de Educação em Saúde e apresentado à comunidade universitária nos anos de 2023 e de 2025. A ação foi desenvolvida nas seguintes etapas: I- Aprofundamento teórico; II- Planejamento da ação; III- Vivência do Ateliê; e IV-Avaliação das ações. Tal proposta pedagógica, permitiu aos discentes o desenvolvimento de habilidades para promoção à saúde e favoreceu o compartilhamento de informações de saúde acessíveis à população.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Agentes Comunitários de Saúde; Formação profissional.

Abstract

The objective is to report a health education experience carried out during an extension event developed by students of the Technical Course in Community Health Agent, from the School of Health at the Federal University of Rio Grande do Norte, entitled 'Pedagogical Workshop: Weaving Paths for Health Education.' Organized based on the theoretical module of Health Education and presented to the university community in the years 2023 and 2025. The activity was developed in the following stages: I- Theoretical deepening; II- Action planning; III- Workshop experience; and IV- Evaluation of the actions. This pedagogical proposal allowed students to develop skills for health promotion and encouraged the sharing of health information accessible to the population.

Keywords: Environmental Health Education; Community Health Workers; Professional Training

1 INTRODUÇÃO

A Atenção Primária à Saúde (APS) é uma estratégia de organização da atenção à saúde que objetiva atender as necessidades de uma população de forma regionalizada, contínua e sistematizada, integrando ações de promoção, prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação para os indivíduos e comunidades (OPAS, 2007). Todavia, a complexidade conceitual associada às distintas possibilidades de implementação da APS, resultaram em vasta polissemia para o termo, a exemplo do Brasil, que utiliza APS como sinônimo da Atenção Básica (AB) (Brasil, 2017).

Sendo assim, APS ou AB, constitui-se no primeiro contato com o sistema de saúde e o local responsável pela organização do cuidado à saúde dos indivíduos e de suas famílias ao longo do tempo, com objetivo de proporcionar equilíbrio entre as duas metas de um sistema nacional de saúde: melhorar a saúde da população e proporcionar equidade na distribuição de recursos (Sellera *et al.*, 2020).

No Brasil, a AB, em consonância com o Sistema Único de Saúde (SUS), obteve destaque com a introdução do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS) e, posteriormente, do Programa de Saúde da Família (PSF). Com a implantação do PACS, os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) passam a compor o escopo de profissionais do SUS. É mister destacar que, de acordo com o Art. 3º da lei nº 13.595, de 5 de janeiro de 2018, o ACS tem como prioridade exercer atividades de prevenção de doenças, agravos e promoção da saúde, mediante ações domiciliares ou comunitárias, individuais ou coletivas, sendo essas instituídas conforme as diretrizes do SUS, portanto com destaque para ações de educação em saúde (Brasil, 2018).

Neste contexto, o ACS desempenha papel de mediador entre os saberes técnicos e populares, ao mesmo tempo em que faz parte da equipe de saúde, também faz parte da comunidade; ao mesmo tempo que seu exercício é para comunidade, é também da comunidade; ao mesmo tempo que se alimenta de saberes técnico-científicos, está embebido da cultura local de saúde (Dias, 2024).

Assim, a atuação dos ACS pode ser entendida para além da atuação do campo da saúde, pois tem um papel social que os diferencia dos demais profissionais de saúde da AB; ao atuarem como mediadores entre as distintas esferas de organização da vida social, ajudam a abrir as portas da solidariedade comunitária e facilitam o acesso aos direitos sociais (Brasil *et al.*, 2021). Tais características permitem ao ACS superar a dicotomia existente entre os saberes técnicos e os saberes da população, em direção a construção de discursos que promovam compreensões e vivências ampliadas do conceito de saúde (Méllo; Santos; Albuquerque, 2023).

Portanto, o ACS é, em seu campo de trabalho, eminentemente um educador em saúde. Educação em saúde é um processo contínuo que envolve o ensino e a aprendizagem de informações sobre saúde, promovendo o desenvolvimento de habilidades que permitam a gestão ativa da saúde pessoal e comunitária (Silva, 2024).

Nesse cenário, faz-se necessário que os processos formativos dos ACS foquem em ações para o desenvolvimento da competência enquanto promotores de

educação em saúde, que articulem a realidade a partir de questionamentos, encontros e desencontros agenciados no território e com os demais membros da equipe de Saúde da Família (Orrillo, Figueiredo, 2024).

Mediante o exposto, este artigo objetiva relatar a experiência de planejamento e execução de duas edições do “Ateliê pedagógico: tecendo caminhos para educação em saúde”, desenvolvido por docentes e discentes do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde da Escola de Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ESUFRN), durante o componente de educação em saúde.

2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência do evento de extensão universitária, desenvolvido por quatro docentes e 65 discentes do segundo período do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde da ESUFRN.

É importante destacar, que tais ações de extensão estão ancoradas no projeto político pedagógico da ESUFRN, a qual prioriza a interlocução entre ensino, pesquisa e extensão como eixo estruturante da formação em saúde, ao permitir integrar teoria e prática, conhecimento científico e realidade social, formando profissionais críticos, comprometidos e capazes de atuar de forma resolutiva no SUS. Mais do que uma diretriz acadêmica, visa fortalecer um modelo de atenção à saúde pautado na integralidade, equidade e participação social (ESUFRN, 2023).

Nessa perspectiva, as atividades foram desenvolvidas como produto final do componente teórico Educação em Saúde. Tal componente, com carga horária de 50 horas, tem como ementa: Processo histórico e vertentes das práticas educativas em saúde no Brasil; Literacia em Saúde; Informação, Educação e Comunicação na prática do Agente Comunitário de Saúde; Educação Popular em Saúde (EPS); Política Nacional de Educação Popular em Saúde (PNEP-SUS); Planejamento de uma ação educativa em saúde: conhecimento de saberes e práticas necessários e adequados à realidade local (ESUFRN, 2023).

Em consonância com a ementa, o evento foi organizado nas seguintes etapas: I- Aprofundamento teórico; II- Planejamento da atividade; III- Vivência do Ateliê; e IV- Avaliação/Aprendizados da ação. Apresentado em abril/maio de 2023 e maio de 2025, na ESUFRN e no Departamento de Assistência à Saúde do Servidor (DAS/UFRN), teve como público-alvo docentes, servidores técnico-administrativos e estudantes, na ESUFRN, bem como profissionais da saúde e pacientes que aguardavam atendimento, na sala de espera do DAS.

Os temas abordados na primeira edição foram: HIV/AIDS, autismo, saúde mental, febre amarela, diabetes e tuberculose. E, na segunda edição: saúde mental, plantas medicinais, HIV/AIDS, autocuidado e saúde do homem.

É mister destacar que os temas foram escolhidos pelos discentes, contemplando prioritariamente o componente de Vigilância em Saúde I, o qual havia sido ministrado anteriormente ao de Educação em Saúde, além de temáticas suscitadas pelos discentes, a partir da observação dos seus respectivos territórios de

origem. Outrossim, os temas foram organizados e apresentados a partir de metodologias ativas, com materiais de baixo custo, fácil acesso e linguagem dialógica.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 APROFUNDAMENTO TEÓRICO

O alinhamento teórico-metodológico pautou-se nos pressupostos da Educação Popular em Saúde (EPS), cujos pressupostos éticos, políticos e pedagógicos apregoam um conjunto de práticas com intencionalidade transformadora (Alves; Soares; Costa, 2022).

A EPS permite abordagens mais eficientes em defesa da saúde da população, por meio da participação das classes populares na produção de saberes a respeito de si e de sua saúde (Pedrosa, 2021), tendo como princípios: o diálogo (estabelecer uma comunicação aberta entre educadores e comunidade); a participação (envolver os indivíduos nas decisões sobre sua saúde); e a contextualização (adaptar as práticas educativas às realidades locais); devendo sempre ser uma prática transformadora, capaz de empoderar as populações e promover a cidadania ativa (Cruz *et al.*, 2024).

Destaca-se que a EPS, a partir da portaria nº. 2.761, de 19 de novembro de 2013, torna-se Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS), cujos princípios: diálogo, amorosidade, problematização, construção compartilhada do conhecimento, integração e valorização dos saberes populares e científicos, emancipação e compromisso com a construção do projeto democrático, visam contribuir com a cidadania e a aposta na solidariedade ativa, para processos de saúde transformadores e participativos (Dantas *et al.*, 2024).

Nesta perspectiva e em consonância com as competências técnicas, éticas e estéticas que busca-se desenvolver no processo formativo dos ACS (ESUFRN, 2023), a discussão teórica anterior ao planejamento do Ateliê, buscou fundamentar o conceito da troca de saberes, em detrimento à educação bancária, vertical e autoritária. Acrescente-se também a perspectiva do esperarçar freiriano, para nortear todas as discussões teóricas, ao compreender o processo formativo como a atitude de possuir confiança para se alcançar o almejado e nessa formação transformar a si mesmo e contribuir com a transformação do território em que se vive (Silva; Silva, 2025).

3.2 PLANEJAMENTO DA AÇÃO

Quanto ao planejamento, seguiram-se as seguintes etapas: I-Divisão dos grupos de alunos; II- Escolha dos temas a serem abordados; III- Pesquisa para apropriação dos temas a partir de literatura científica atualizada. Realça-se que estas

etapas foram continuamente acompanhadas pelas docentes envolvidas com o projeto em tela.

Uma vez escolhidos os temas e realizado o mapeamento teórico destes à luz da literatura, cada grupo se reuniu com as docentes e através de tempestade de ideias delimitou-se as estratégias metodológicas a serem utilizadas por cada grupo (Quadro 1).

Quadro 1: Temas, materiais e métodos utilizados para ação educativa.

Tema	Materiais e Métodos
Saúde Mental (Edição I)	Caça-palavras com termos-chaves sobre a temática; Árvore das emoções, a fim de refletir sobre os sentimentos que são “raízes” e “frutos” ao longo da vida; Dinâmica para estourar os balões que representavam as sensações do visitante do stand (alegria, ansiedade, tristeza, raiva, dentre outros); Entrega de Kit com folder e brinde; Distribuição de biscoito e chá, intitulado “Chá de afeto”.
Autismo (Edição I)	Realização de “Quiz” com perguntas sobre o conceito, sinais, sintomas, diagnóstico, tratamento do autismo; Jogo da amarelinha “Tira-dúvidas” sobre o tema; Entrega de folder informativo e lembrancinha que remetia ao desenvolvimento psicomotor de crianças autistas.
Tuberculose (Edição I)	Realização de Quiz, caça-palavra e jogo da memória enfatizando conceito, sinais, sintomas, diagnóstico, tratamento da tuberculose; Uso de uma maquete construída com garrafa pet e balão de ar, ilustrando o funcionamento do pulmão saudável e adoecido por tuberculose; Entrega de folder com informações e Qrcode que encaminhava para publicações de aprofundamento sobre a temática.
Diabetes (Edição I)	Realização de jogo da memória, dama e pescaria contendo informações sobre o Diabetes; Exposição com frutas para exemplificar alimentos saudáveis; Distribuição de folder informativo.
HIV/AIDS (Edição I)	Apresentação da linha do tempo do HIV/AIDS; QUIZ de revisão sobre as informações apresentadas na linha do tempo; Entrega de folder informativo e preservativos masculinos.

Febre amarela (Edição I)	Maquete ilustrando áreas de risco para o crescimento do mosquito transmissor da febre amarela; Folder com informações e caça-palavras sobre a febre amarela, com ênfase na vacinação. Integrante fantasiado de “Aedes aegypti”.
Promoção à Saúde Mental (Edição II)	Roda de conversa sobre saúde mental com ênfase na ansiedade; Condução de um momento de relaxamento com uso de floral e técnicas de respiração; Cabine dos sentimentos. Árvore e caixinha do sentimentos.
Plantas medicinais (Edição II)	Exposição dialogada sobre o uso terapêutico das plantas medicinais: arruda, gengibre, quebra-pedra, camomila, cidreira, hortelã, boldo, tomilho, cavalinha, erva-de-São-João e alcachofra; Experiência sensorial- preparo e degustação de alguns tipos de chás; Entrega de folder informativo e kit com ervas aromáticas.
HIV/AIDS (Edição II)	Jogo de tabuleiro contendo questões sobre HIV/AIDS; Jogo de dados gigante- contendo 12 questões sobre formas de prevenção; Maquete apresentando o vírus do HIV; Integrante fantasiado de “Condom masculino”.
Autocuidado (Edição II)	Roda-de-conversa sobre as dimensões física, mental e espiritual do autocuidado; Quebra-cabeça de revisão sobre estratégias de autocuidado.
Saúde do homem (Edição II)	Caça-palavras sobre indicadores de saúde do homem; Jogo de argolas sobre a Política Nacional de Saúde do Homem; Quiz de perguntas – Verdadeiro e Falso; Jogo sobre autocuidado do homem, com ênfase na prevenção e promoção da saúde.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

O planejamento estimulou o protagonismo e criatividade dos discentes, todavia, orientou-se quanto ao uso de materiais de fácil acesso, baixo custo, de fácil replicabilidade e sempre que possível, foi estimulado o cuidado com a sustentabilidade ambiental, reutilizando materiais e destinando de forma correta os resíduos gerados. Os materiais supracitados foram produzidos com recurso dos discentes, além do fornecimento de insumos da ESUFRN, a exemplo de papel, cartolina, cola, isopor, dentre outros.

É mister destacar o uso de literatura científica atualizada sobre as distintas temáticas, com o objetivo de por um lado, repassar aos visitantes informações adequadas, sobretudo em um contexto de infodemia de *fakenews* no âmbito da saúde (Brandão *et al.*, 2025), por outro, suscitar nos discentes do curso TACS a relevância quanto ao papel social do ACS na educação em saúde comunitária. Estudo devolvido por Chagas *et al.* (2024) sobre as ações de combate à pandemia de Covid-19, sinalizou o importante papel na contenção da disseminação do vírus, mas a ausência de compreensão destes profissionais sobre o conceito e as práticas do fazer educação em saúde.

Salienta-se que a escolha de jogos educativos como estratégias metodológicas a serem usadas no ateliê, busca fomentar a perspectiva de ensinar, educar, sensibilizar de maneira interativa, descontraída e lúdica, associando prazer, entretenimento e protagonismo dos participantes (Knihs *et al.*, 2024).

Além disso, foram confeccionados folders de divulgação do evento (Figura 1), publicizados nas redes sociais da escola, em especial no instagram @esufrn e divulgados pelos docentes e discentes em suas redes sociais privadas.

Figura 1: Folder de divulgação da primeira edição do evento.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

3.3 VIVÊNCIA DO ATELIÊ

A primeira edição do Ateliê Pedagógico aconteceu nas salas 30 e 31 da ESUFRN, no turno vespertino. Os grupos chegaram mais cedo e após montar os *stands* de apresentação, se dividiram para captar visitantes nos corredores da escola. Na primeira edição, realizada no dia 26 de abril de 2023, foi acompanhada pelo setor de comunicação da ESUFRN e da TV Universitária (TVU), sendo reportada como notícia no programa noturno da TVU daquele dia. A partir dessa notícia, surgiu o convite para replicar a ação educativa nos dias 10 e 17 de maio de 2023 no Departamento de Assistência à Saúde do Servidor (DASS).

Já a segunda edição, ocorreu no dia 22 de maio de 2025, também nas dependências da ESUFRN e no turno vespertino. Nas apresentações dos ateliês, os *stands* foram visitados por aproximadamente 400 pessoas, entre discentes de outros cursos da ESUFRN e do Departamento de Enfermagem, além de professores, servidores técnicos e terceirizados, bem como profissionais de saúde e pacientes que aguardavam atendimento na sala de espera do DASS. Algumas etapas desta vivência estão ilustradas na Figura 2

Figura 2: Etapas da vivência do ateliê.

	- Organização dos stands; - Estratégias metodológicas diversas.
	- Execução teórico-prática de interação dos grupos com os visitantes;



- Visitação dos *stands* por alunos, servidores e demais representantes da comunidade acadêmica.

Fonte: Acervo dos autores (2025).

Estudos apontam que a aplicação de metodologias ativas nas ações educativas em saúde favorece uma aprendizagem centrada na interação social e na troca de saberes entre discentes e comunidade, estimulando o protagonismo estudantil e contrapondo-se ao modelo flexneriano, caracterizado pela fragmentação do conhecimento e pela postura passiva do aprendiz (Vieira *et al.*, 2024; Cardoso; Muline, 2023).

Conforme apresentado anteriormente, nas etapas da vivência do ateliê a organização do cenário de aprendizagem, a seleção de estratégias metodológicas diversificadas, a execução teórico-prática e o diálogo com a comunidade acadêmica configuram etapas que promovem um ambiente de interação horizontal de educação em saúde, ampliando a autonomia discente e qualificando o processo formativo. Com isso, o estudante assume papel ativo na mediação do conhecimento, fortalecendo a articulação entre teoria e prática e contribuindo para uma formação mais crítica, participativa e alinhada às necessidades reais do público-alvo, além de desenvolver competências cognitivas e sociais (Cardoso, Muline, 2023).

Nessa perspectiva, Lino *et al.* (2024), destacam que a educação em saúde é fundamental para sensibilizar a população a adotar comportamentos preventivos e reduzir riscos de doenças e agravos à saúde, ao oferecer informações acessíveis e adaptadas às necessidades dos diferentes grupos. Para os estudantes, a participação nessas ações amplia a compreensão da realidade social, fortalece a articulação entre teoria e prática e desenvolve competências comunicacionais e sociais, contribuindo para uma formação mais crítica e humanizada.

Realça-se ainda que ao passo que os discentes se prepararam para o desenvolvimento das ações de educadores em saúde, vivenciavam o aprendizado que ainda é evidenciado como lacuna dentre os ACS nos seus respectivos campos de atuação, tal aponta estudo de Cunha *et al.* (2024) acerca da necessidade de ações de qualificação profissional que busquem o aprimoramento de práticas, proteção da saúde do trabalhador e consequentemente da força de trabalho dos ACS.

3.4 AVALIAÇÃO DAS AÇÕES

Sabe-se que todas as ações educativas exigem, além do planejamento, avaliação a fim de identificar lacunas e potencialidades (Matos *et al.*, 2023). Nesse contexto, após encerrados os Ateliês fez-se uma breve avaliação oral das percepções dos grupos de alunos participantes sobre o evento.

Posteriormente, durante o encerramento da disciplina Educação em Saúde, fez-se uma rodada avaliativa contendo as seguintes questões disparadoras (Que bom/ Que pena/ Que tal), a fim de compreender as potencialidades, fragilidades e sugestões para o Ateliê Pedagógico.

Todavia, a fim de garantir maior privacidade para que os discentes pudessem discorrer sobre suas impressões, aplicou-se um formulário eletrônico no *Google forms* com as mesmas questões disparadoras. De forma geral, os discentes em ambas as edições do Ateliê pedagógico elencaram como potencialidades o aprendizado possibilitado pela ação, tanto no tocante ao conteúdo abordado, quanto às estratégias metodológicas usadas. As oportunidades de melhoria apontaram o espaço físico reduzido, o que fazia os grupos ficarem muito próximos e serem atrapalhados pelo barulho uns dos outros. Como sugestão elencou-se a realização de mais eventos semelhantes, conforme sumarizado no Quadro 2.

Quadro 2: Avaliação dos discentes acerca das edições do Ateliê pedagógico.

Que bom!	Que pena!	Que Tal!
“O ateliê foi uma ótima sugestão para melhorar o aprendizado e desenvolvimento”. “Da logística de "exposição". Ouvir sobre o que se está vendo é muito mais produtivo. No nosso ateliê se iniciava sempre perguntando quais ervas os participantes já faziam uso e com quais finalidades. Ou seja, eles não estavam ali pra assistir e sim pra compartilhar o conhecimento do item demonstrado”. “Adorei a experiência dos grupos, do contato com o público, das informações e de conversar com as pessoas. Ter as trocas de ideias com tudo é todos!”	“A sala pequena e o calor!” “Que não acontece com rotina”. “A falta de união de alguns dos membros”.	“Pelo menos a cada semestre ter essas oficinas e convidar pessoas de outros setores para prestigiar o evento!” “Teria que ter feito uma melhor divulgação nas mídias sociais da escola, ter feito placas de sinalização indicando o evento”. “Gostaria de um lugar maior que não fosse em sala”.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Ainda que a maioria das avaliações tenha se concentrado em relatar aspectos positivos da experiência e sugestões de aprimoramento, destaca-se que, tanto de modo informal quanto nas respostas sistematizadas no Quadro 2, emergiram relatos relacionados à falta de união entre alguns integrantes de grupos. Essa percepção foi mais evidente durante o processo de organização da segunda edição do Ateliê Pedagógico, momento em que as docentes responsáveis precisaram intervir e mediar a situação, ressignificando-a como parte do próprio processo educativo.

Nesse contexto, os conflitos vivenciados no Ateliê Pedagógico pelos estudantes podem ser compreendidos como elementos constitutivos dos processos formativos, e não como desvios a serem eliminados. Embora ainda prevaleça a percepção do conflito como um fenômeno negativo e evitável, herança de concepções tradicionais, reconhecê-lo como inerente às relações humanas favorece aprendizagens significativas e o desenvolvimento relacional (Silva *et al.*, 2021).

De forma complementar, a literatura aponta que os conflitos, quando observados e manejados de maneira intencional, possibilitam o exercício de competências emocionais, como empatia, escuta qualificada e autorregulação, especialmente em contextos coletivos e participativos (Oliveira; Pizzoni, 2021). Com mais independência e aliado a trabalhos colaborativos, o aluno constrói o próprio conhecimento de forma crítica e coletiva (Mendes *et al.*, 2024).

Assim, ao criar espaços de diálogo e reflexão sobre os conflitos emergentes, o Ateliê Pedagógico contribuiu para a formação de profissionais mais preparados para lidar com tensões no território, fortalecendo práticas de cuidado, mediação e trabalho em equipe no cotidiano do Sistema Único de Saúde.

A experiência do Ateliê Pedagógico dialoga diretamente com os princípios da curricularização da extensão adotados pela ESUFRN, que reconhece a extensão como dimensão essencial da formação, ao lado do ensino e da pesquisa. Ainda que o componente de Educação em Saúde não preveja, formalmente, carga horária específica para a curricularização da extensão em seu Projeto Pedagógico de Curso, a atividade desenvolvida se configura como ação extensionista ao promover espaços de diálogo, troca de saberes e reflexão coletiva, em consonância com as diretrizes institucionais que valorizam a interação com a sociedade e a formação cidadã dos estudantes (ESUFRN, 2023).

O reconhecimento dessa potência formativa se expressa, inclusive, na vinculação do Ateliê a um evento de extensão, reafirmando seu caráter pedagógico, social e transformador no contexto da formação técnica em saúde. E, coaduna com estudo de Sampaio e Neto (2024) acerca da relevância do desenvolvimento e reflexão, a luz do estado da arte, de Práticas Pedagógicas em Saúde na Educação Profissional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência apresentada demonstrou que, ao mesmo tempo em que possibilitou aos discentes do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde o

desenvolvimento de competências voltadas à promoção e à educação em saúde, também ampliou o acesso da população a informações claras, acessíveis e socialmente relevantes sobre diferentes temáticas no campo da saúde.

A partir dos resultados obtidos por meio dos relatos dos participantes, evidencia-se a necessidade de incorporar, de forma contínua, estratégias educativas inovadoras ao processo formativo, fortalecendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, considerando a potência pedagógica e social do Ateliê Pedagógico, aponta-se como perspectiva relevante a inclusão de carga horária específica vinculada à curricularização da extensão no componente de Educação em Saúde, em futuras reformulações do Projeto Pedagógico do Curso, de modo a institucionalizar e dar sustentabilidade a práticas formativas dessa natureza. Destaca-se, ainda, o potencial dessas ações, caracterizadas pelo baixo custo e pela abordagem lúdica, para adaptação e implementação em diferentes contextos e territórios.

Constituem limitações deste estudo a ausência de avaliações mais sistematizadas por parte dos estudantes e do público participante das duas edições do Ateliê Pedagógico, o que poderia ter ampliado e qualificado a análise da atividade sob a perspectiva desses importantes atores. Ademais, embora tenham sido realizados registros por meio de fotografias e filmagens, o texto ora apresentado não consegue expressar, em sua totalidade, a potência e a riqueza das atividades desenvolvidas.

Recomenda-se, por fim, a ampliação dessas iniciativas para outros níveis educacionais e contextos formativos, com vistas a expandir seu alcance, fortalecer a inserção social da instituição e potencializar seu impacto no território.

REFERÊNCIAS

ALVES, Hayda; SOARES, Maria Raimunda Penha; COSTA, Rute Ramos da Silva. Territórios rurais contra a Covid-19: saberes, fazeres e reflexões por meio da Educação Popular em Saúde. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, p. e210724, 2022.

BRANDÃO, Lucas da Costa. Gestão de infodemias: uma nova frente de trabalho em meio à ofensiva desinformativa sanitária. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 19, n. 2, p. 1–9, 2025.

BRASIL. Lei nº 13.595, de 5 de janeiro de 2018. Altera a Lei nº 11.350, de 5 de outubro de 2006, para dispor sobre a reformulação das atribuições dos Agentes Comunitários de Saúde e dos Agentes de Combate às Endemias. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 8 jan. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13595.htm. Acesso em: 9 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria de Consolidação nº 2/GM-MS, de 28 de setembro de 2017**. Consolidação das normas sobre as políticas nacionais de saúde do Sistema Único de Saúde: Anexo XXII – Aprova a Política Nacional de Atenção Básica (PNAB). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prc0002_03_10_2017.html#ANEXOXXII. Acesso em: 9 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS nº 569, de 29 de março de 2021. Altera a Portaria GM/MS nº 3.241, de 7 de dezembro de 2020. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 2021.

CARDOSO, Renata Riscado; MULINE, Leonardo Salvalaio. O uso de metodologias ativas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica: uma proposta didático-pedagógica. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 1, n. 23, p. e13346, 2023.

CHAGAS, Alexandra Almeida Pinheiro *et al.* Ações de combate à Covid-19 conduzidas por agentes comunitários de saúde em um município brasileiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, p. e34074, 2024.

CRUZ, Pedro José Santos Carneiro *et al.* Educação popular em saúde: princípios, desafios e perspectivas na reconstrução crítica do país. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, [online], v. 28, e230550, 2024.

CUNHA, Carla Araújo; SILVA, Gislaine Aneanes da; TEIXEIRA, Anita Coelho dos Santos; SANTOS, Pollyanna de Ulhôa; MELO, Quêzia Catharinne Cavalcante de; SOUSA, Silvely Tiemi Kojo; ALMEIDA, Mirian Cristina dos Santos. Necessidades de educação permanente sobre medidas de proteção contra COVID-19 para Agentes Comunitários de Saúde. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 24, p. e15456, 2024. DOI: 10.15628/rbept.2024.15456.

DANTAS, Mayana de Azevedo *et al.* O chão(-universo) da Educação Popular em Saúde: saberes e práticas que rompem com o estabelecido. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 34, p. e34061, 2024.

DIAS, Monique Nunes Fiuza. O olhar do agente comunitário de saúde para a sua formação profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, n. 24, p. e14071, out. 2024.

ESCOLA DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Agente Comunitário de Saúde**. Natal, 2023.

KNIHS, Neide da Silva *et al.* Mobile game: educational technology for home care of patients undergoing liver transplantation. **Texto & Contexto – Enfermagem**, v. 33, p. e20230162, 2024.

LINO, Daniele do Nascimento *et al.* A importância da educação em saúde para a prevenção de doenças crônicas. **Periódicos Brasil: Pesquisa Científica**, v. 3, n. 2, p. 500–509, 2024.

MATTOS, Mússio Pirajá *et al.* Validação do modelo lógico da Política de Educação Permanente em Saúde nos Centros de Atenção Psicossocial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 28, n. 8, p. 2385–2402, 2023.

MENDES, Ramon de Souza. *et al.* Uso de estratégias inovadoras no ensino da Saúde Coletiva nas graduações da área da Saúde: uma revisão de escopo. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 28, p. e230225, 2024.

MÉLLO, Livia Milena Barbosa de Deus; SANTOS, Romário Correia dos; ALBUQUERQUE, Paulette Cavalcanti de. Agentes comunitárias de saúde: o que dizem os estudos internacionais? **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 28, n. 2, p. 501–520, 2023.

OLIVEIRA, Adilson Vagner; PIZZONI, Taisa Gabrieli Pereira. Gestão de conflitos e comunicação organizacional: um estudo empírico em instituições públicas de ensino. **Cadernos de Gestão e Empreendedorismo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 1–15, maio/set. 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **Renovação da Atenção Primária em Saúde nas Américas: documento de posicionamento da OPAS/OMS**. Washington, DC, 2007. 48 f.

ORRILLO, Yansy Aurora Delgado; FIGUEIREDO, Gustavo de Oliveira. Neoliberalismo e gerencialismo: impactos no trabalho, formação e subjetividade de agentes comunitários de saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 22, p. e02802257, 2024.

PEDROSA, José Ivo dos Santos. A Política Nacional de Educação Popular em Saúde em debate: (re)conhecendo saberes e lutas para a produção da Saúde Coletiva. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200190, 2021.

SAMPAIO, Ana Kamily de Souza; LIMA NETO, Avelino Aldo de. As práticas pedagógicas em saúde na educação profissional: reflexões introdutórias sobre o estado da arte. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S. l.], v. 2, n. 24, p. e15506, 2024.

SELLERA, Paulo Eduardo Guedes *et al.* Monitoramento e avaliação dos atributos da Atenção Primária à Saúde em nível nacional: novos desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1401–1412, 2020.

SILVA, Aline Rocha Santana da ; SILVA, Patricia Cipriano Barcelos da.; MOTTA, Ana Carolina de Gouvea Dantas. O esperar e o freiriano na edificação de vida das alunas do Proeja durante a pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 3, n. 25, p. e15916, set. 2025.

SILVA, José Marcos da. Educação Popular em Saúde: uma análise de estratégias de implementação e a convergência de princípios da EPS em planos estaduais de educação permanente em saúde no Brasil. **Revista de Educação Popular**, v. 23, n. 2, p. 47–64, 2024.

SILVA, Tales Fabricio da Costa *et al.* Conflitos interpessoais entre professores e estudantes universitários: o que pode fazer a gestão universitária? **Revista GUAL**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 119–141, maio/ago. 2021.

VIEIRA, Cícera Kassiana Rodrigues *et al.* Educação em saúde e metodologias ativas: práticas ativas aplicadas em saúde nos territórios. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 5, n. 1, 2024.